



NARRATIVAS AMBIENTAIS EMERGENTES: convergências entre jornalismo independente e etnomídia indígena¹

André Wolmer de Melo - University of Western Ontario

Pedro Martins - Universidade Estadual Paulista

RESUMO

A busca por um discurso jornalístico engajado é o principal desafio atual da comunicação ambiental. Este artigo apresenta duas iniciativas emergentes: jornalismo ambiental independente e etnomídia indígena. Para tanto, mobilizamos os conceitos de justiça ambiental, violência lenta, ambientalismo dos pobres e narrativas contra-hegemônicas. É necessário que o jornalismo reconheça, de forma crescente, a exclusão das comunidades vulneráveis como um reflexo do modelo explorador de produção e desenvolvimento. Entendemos que o crescimento da produção ambiental jornalística independente, com mais espaço para vozes comunitárias e realidades locais, vai ao encontro da essência da etnomídia indígena e sua visão identitária.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Ambiental; Jornalismo Independente; Etnomídia Indígena; Narrativas Contra-hegemônicas; Justiça Ambiental.

1 INTRODUÇÃO

Os impactos da degradação ambiental afetam de forma desigual a vida cotidiana de milhões de pessoas marginalizadas e racializadas, que são mais vulneráveis a problemas de saúde, insegurança alimentar e condições de vida precárias, como comunidades tradicionais indígenas e quilombolas, e a classe trabalhadora negra. A perspectiva da justiça socioambiental examina como as comunidades mais vulneráveis são impactadas de forma desequilibrada, interligando desigualdades históricas de classe, raça, gênero e poder político (APOSTOLOPOULOU e CORTES-VAZQUEZ, 2018; HOLIFIELD et al., 2018).

Diante de um cenário de crises e incertezas, pesquisas significativas em diferentes partes do mundo atestam uma predominante falta de engajamento, profundidade de conteúdo e diversidade de fontes na cobertura da mídia de notícias sobre questões ambientais (TAKAHASHI et al., 2018). A produção da mídia também é impactada pelo corte de recursos financeiros, demissões e pela crescente pressão por velocidade e volume de informação associada ao avanço do jornalismo digital (REIS, 2020; RAMOS, 2021).

2 METODOLOGIA

¹ Trabalho apresentado no GT1 - Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2024, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas (Paulista), São Paulo-SP.

Este artigo apresenta a teoria de duas iniciativas emergentes com perfis contra-hegemônicos: o jornalismo ambiental independente e a etnomídia indígena. Foi realizada uma revisão de literatura para identificação dos principais apontamentos teóricos e aproximações entre as duas iniciativas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Loose e Belmonte (2023) defendem que, no contexto atual da crise ambiental, o posicionamento engajado é o principal atributo necessário no discurso jornalístico ambiental. Ao passo em que as mudanças no mercado impõem desafios para jornalistas, elas também apresentam oportunidades para o surgimento de novos arranjos institucionais, formatos de veículos e espaço para amplificação de narrativas alternativas ou contra-hegemônicas. A criação de veículos de notícias independentes aumentou na última década internacionalmente e também no Brasil (REIS, 2020).

O surgimento do jornalismo alternativo não está exclusivamente ligado à era da internet, mas, sem dúvida, foi impulsionado pelas novas oportunidades de formato, acesso e compartilhamento (RAMOS, 2021). Esse conceito abrange diversas iniciativas independentes da mídia tradicional, que não têm o lucro como principal objetivo. Harlow (2022) aponta para a crescente influência do jornalismo independente e nativo digital para o panorama midiático na América Latina, com uma prática profissional que denuncia as disfunções da ordem política e econômica dominante.

É de amplo e notório saber atualmente que os povos indígenas no Brasil foram e ainda são alvo de violência de diferentes tipos (PASCOAL & ZHOURI, 2021). Os meios de comunicação são uma das instituições responsáveis por operacionalizar essa violência simbólica, principalmente enquanto o modelo vigente ainda era pautado por uma verticalidade entre os detentores dos aparatos comunicativos e o público receptor das mensagens. As primeiras experiências de participação ativa de indígenas na cultura digital vêm ocorrendo desde o início dos anos 2000 (BARROS, 2023).

Para Santi e Araújo, a etnomídia indígena pode ser entendida como “práticas midiáticas de comunicação, institucionais ou não, protagonizadas por sujeitos indígenas ou indigenista, articulada aos princípios do Movimento dos Povos Indígenas e tendo como ideal a busca por novos regimes de visibilidade” (2022, p. 3). É uma prática que emerge como uma alternativa para garantir a expressão da identidade étnica - múltipla e diversa -, além de conferir maior grau de autonomia política e social para os grupos indígenas que passam a fazer uso de tecnologias e técnicas de comunicação para falar em primeira pessoa (SANTI & ARAÚJO, 2020).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Loose e Belmonte (2023) enfatizam, em relação ao jornalismo ambiental, que a independência de grandes conglomerados para a sustentação da produção jornalística sobre meio ambiente propiciou o surgimento de diversos posicionamentos explícitos em defesa da conscientização ambiental. As pautas desses veículos, portanto, são comumente relacionadas a comunidades vulneráveis (HOLIFIELD et al., 2018).

Em análise do quadro na América Latina, Harlow (2022) destaca que muitas vezes essas pautas se relacionam com as comunidades indígenas. Apenas 3% das notícias da grande mídia no mundo usam indígenas como fontes em 2021. A apropriação da técnica e da lógica midiática por grupos indígenas é uma poderosa estratégia discursiva, capaz de reposicionar a atuação dos agentes do campo comunicacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo bibliográfico consultado demonstra que o estágio atual de uma emergência climática inescapável deve ser apreendido por jornalistas e ambientalistas como uma oportunidade de catalisar o engajamento ecológico e provocar as mudanças políticas e econômicas necessárias.

Portanto, os jornalistas devem reconhecer e abordar, de forma crescente, a exclusão das comunidades vulneráveis como um reflexo do modelo explorador de desenvolvimento, alimentado pela marginalização e pelo racismo sistêmico. Um discurso jornalístico mais engajado e inclusivo precisa ampliar as vozes comunitárias e ativistas.

A análise do amplo crescimento do ambientalismo brasileiro e das mudanças específicas no campo jornalístico reafirma que as mudanças sociais e a comunicação no ambiente digital são instâncias mutuamente influenciadas. Dessa forma, entendemos que a tendência da produção ambiental jornalística independente de se aproximar das realidades locais vai ao encontro da essência da etnomídia indígena e sua visão popular, de base.

Referências

APOSTOLOPOULOU, E.; CORTES-VAZQUEZ, J. A. **The Right to Nature**. New York: Routledge, 2018.

BARROS, T. A. **Coração da Amazônia, território em disputa: movimento indígena e representação política em campanha contra hidrelétricas**. Curitiba: Appris, 2023.

HARLOW, S. **Digital-Native News and the Remaking of Latin American Mainstream and Alternative Journalism**. New York: Routledge Focus, 2023.

HOLIFIELD, R.; CHAKRABORTY, J.; WALKER, G. **The Routledge Handbook of Environmental Justice**. New York: Routledge, 2018

LOOSE, E. B.; BELMONTE, R. V. Activism in environmental journalism. **SciELO Preprints**, 2023. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6065>. Acesso em: 10 dez. 2023.

NIXON, R. **Slow Violence and the Environmentalism of the Poor**. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Born digital: Understanding the first generation of digital natives**. New York: Basic Books, 2008.

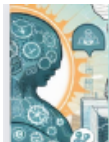
PASCOAL, W.; ZHOURI, A. Os Krenak e o desastre da mineração no Rio Doce. **Ambientes**, S/L, v. 3, n. 2, p. 360-394, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/28271>. Acesso em: 8 out. 2023.

RAMOS, A. N. C. **Sustentabilidade financeira de meios jornalísticos nativos digitais no Brasil**. 2021. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3KHt6kV>. Acesso em: 22 jun. 2023.

REIS, M. Jornalismo Independente e Desenvolvimento Local: apontamentos a partir de estudo de caso em Pernambuco e na Bahia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Virtual. **Anais [...]**. Virtual: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2020. v. 1, p. 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/3QFa6HI>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SANTI, V. J. C.; ARAÚJO, B. **Etnomídia indígenas e novas territorialidades: a comunicação alternativa na construção dos territórios midiáticos**. In: SANTI, V. J. C; et al (Orgs.). Povos originários e comunidades tradicionais, Vol 6: trabalhos de pesquisa e de extensão universitária. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

TAKAHASHI, B.; PINTO, J.; CHAVEZ, M.; VIGÓN, M. (eds.). **News media coverage of environmental challenges in Latin America and the Caribbean – mediating demand, degradation and development**. Palgrave MacMillan, 2018.



XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

